

# A complexidade atômica sem o princípio do átomo

---

DJALMA LUIS BENETTE

Ética, Cidadania e Imprensa de Raquel Paiva (org.). Rio de Janeiro: Mauad, 2002, 200 pp.

**Resumo** Esta resenha discute as análises do livro organizado por Raquel Paiva e entende que cada autor chega ao resultado que demonstra por ter trilhado o caminho do “isolamento”, ou seja, a partir daquilo que está expresso na mídia, cada articulista levanta hipóteses sobre o ambiente social e o que a mídia poderia/deveria fazer para intervir nos fenômenos sociais. A resenha encaminha a discussão segundo uma outra hipótese, tirando o peso da análise do que a mídia expressa, e lembrando da necessidade de se atentar ao que leva a mídia a expressar o que edita. A resenha busca as relações impostas pelo sistema de processos geradores de significações dentro das mídias para demonstrar o quanto eles (sistemas e processos) são determinantes para o que está expresso e o quanto do que está expresso está distante de representar a “informação” que pretende. Enfim, esta resenha demonstra que os articulistas do livro inferem sobre a “realidade” a partir de elementos que não *representam* esta “realidade”.

**Palavras-chave** informação, semiótica, sistema, processo, notícia

**Abstract** This review discusses the analyses in the book organized by Raquel Paiva. We propose that each article reaches a certain conclusion after treading on the road of “Isolation”, i.e., departing from what is expressed in the media, each analyst assumes hypothesis about the social environment and about what the media could and should do to intervene in social phenomena. The review moves towards the discussion taking into account another hypothesis, by lessening the influence of what the media analyses. It

also reminds of the necessity to consider what prompts the media to express what it edits. This review also looks through the relations imposed by the meaning generating process system within the media in order to demonstrate how much both of them (systems and processes) are decisive to settle that what and how much is expressed is far from representing the desired "information". This review, at last, demonstrates that the essayists in this book infer about "reality" based on elements that do not represent this "reality".

**Keywords** information, semiotics, system, process, news

*Ética, cidadania e imprensa*, livro organizado por Raquel Paiva, publicado pela Editora Mauad, e lançado no encontro da Compós em junho/2002, é mais um na vasta bibliografia envolvendo o tema no cenário nacional. Totalmente ignorado pela imprensa diária, o livro é uma coletânea de artigos, um diálogo e um estudo de caso sobre as questões indicadas no título da obra a partir do jornal impresso, jornal televisado, o caso Grande Hermano (a versão argentino/uruguaia do Big Brother holandês que faz sucesso no Brasil em sua versão original, exibida pela TV Globo, e a adaptada, exibida pelo SBT), a internet.

O leigo, aquele leitor não familiarizado com a produção de mídia, terá dificuldade em transitar pelo livro, assim como tem em outra dezena de obras similares a esta. "Ética, Cidadania e Imprensa" é claramente voltada a quem inicia seus estudos em comunicação, embora não seja didático, e serve de subsídio a outros profissionais das ciências sociais que lidam com fenômenos de massa, como sociólogos que vivem aventurando-se na análise de produção de sentidos numa tentativa de influenciar personagens em relação social.

Fundamental para a compreensão da obra é não perder de vista que ela está inserida no ambiente da sociedade brasileira num instante inicial, mas claramente referente ao mundo Ocidental, urbanizado e mediado por relações simbólicas de poder financeiro sedimentados, cotidianamente, pelas mídias. Ao ler o livro, uma clara análise radiográfica da existência social contemporânea, conseguimos *respostas a questões sociais* pertinentes ao nosso cotidiano: juízes de Direito que querem aparecer no grande show da mídia (pág. 13); por que os jovens entram no tráfico de drogas (pág. 39); as organizações não-governamentais que, aos milhares, se estruturam pelo mundo inteiro com fins variados (pág. 59); cerca de meia noite, recibí una sopresiva llamada, non sólo por la hora bastante avanzada, sino pelo tono urgente de la voz del outro lado del teléfono (págs. 63 e 98); a internet seria

nada mais, nada menos que um meio ou ambiente de interconexão(133); em linhas gerais o colunista demitido publicara uma matéria relativa à disputa entre dois grupos empresariais pelo controle de uma companhia telefônica (pág. 187).

Embora estas e outras questões sociais sejam respondidas, e teoria de alta qualidade dê sustentação as exatas duas centenas de páginas da obra, os artigos e as inferências contidas no diálogo e estudo de caso limitam-se a aspectos de uma questão que só seria original caso enveredasse cada análise por um campo além do sociológico. Até mesmo Fernando Andacht, falando sobre o fenômeno Big Brother, ameaça usar de elementos além dos sociais, mas deixa-se seduzir pelas explicações conteudísticas com base em elementos psicológicos que justificam, mas não explicam os processos e sistemas de produção.

Por fim, falta à *Ética, Cidadania e Imprensa* ousadia.

Num primeiro momento, lendo o livro, tem-se a seguinte informação latente ao longo de tudo o que vem sendo dissertado e defendido: o “mundo é assim” ou “a coisa está assim” ou “vivemos assim” *porque é determinado* pelo conteúdo das mídias (jornal, programas de TV, ambiente de internet) nas quais estamos mergulhados cotidianamente. Neste ponto, em momentos variados do livro, há a acusação sobre um dos aspectos do todo, mas ninguém foi mais enfático do que a própria organizadora da obra, Raquel Paiva, em seu artigo *A Publicização da Ética no Espaço Midiático*. Ela afirma: “Como construtores de instrumento de sociabilidade (há) os intelectuais, os poetas, escritores, e, por que não, os jornalistas, que deveriam produzir narrativas capazes de atrair o olhar atento e interessado para as culturas diversas” (pág. 40).

É emblemática tal afirmativa no sentido de revelar, de modo direto, claro e objetivo, portanto, sem a possibilidade de uma interpretação equivocada, o cerne de uma questão sucessiva ao longo dos outros artigos do livro, ou seja, não é feita a distinção entre os diferentes. Tal afirmação demonstra que, ao se falar de *frutas* possa-se dizer o mesmo de uma *melancia* de um *tomate* sem desvendar que cada um é um, mesmo que simultaneamente sejam, como de fato são, frutas. Poeta, escritor, intelectual, de um lado, cada qual ao seu modo, e jornalistas de outro, são evidentemente profissionais das letras, assim como melancia e tomate são frutas. Mas é óbvio que poeta, escritor, intelectual estão numa categoria da qual o jornalista está muito distante.

Jornalista é, antes de qualquer situação, um empregado, assalariado, pai de família, que faz de seu trabalho o ganha pão de cada dia, do sustento de si e da família, dos desejos juvenis dos adolescentes seduzidos pela imediatês do mundo contemporâneo. Se não tiver mecenas, o escritor e o poeta vivem de alguma outra

profissão (quantos bancários não são poetas/escritores?) ou da venda dos seus livros. O intelectual vive do dinheiro do universo acadêmico ou das obras que vende. Mas seja como for, não tem patrão.

Geraldo Lúcio de Melo em *Imprensa e Poder, Impresões Éticas*, e Muniz Sodré em *Existe consciência Ética na Imprensa?*, caem na mesma armadilha de Raquel Paiva, só que, ao invés, de crucificar o jornalista, colocam na cruz a “imprensa”, “a grande imprensa”, “a voz do poder”, ou seja, o modelo do veículo/meio. Dênis de Moares, em *A Ética por Interações no Ciberespaço*, e José Rebelo, em *Televisão Pública/Televisão Privada*, também caem na armadilha e culpam o jornalismo, poupando o veículo e o profissional.

Neste contexto, *Ética, Cidadania e Imprensa* não tem unidade. O mestre Alberto Dines, apropriadamente abrindo a obra em seu diálogo com José A. Argolo, em *Alberto Dines, além do Tempo Jornalístico*, chega a resvalar nos três aspectos que envolvem a produção do que é mídia. Sem dizer textualmente, porém, ele ensina que jornalismo é o ato de traduzir à linguagem de um determinado meio o que é notícia. Mas não discute o que é a notícia, partindo do pressuposto de que ela seja “fato/acontecimento de interesse público que seja publicado”, como ensinam os livros da área.

Este é o eixo central de toda a discussão, mas que não aparece no livro. A obra, em nenhum momento fala do complexo sistema influenciando o todo ao longo do processo de sua confecção. Ou seja, jornal (ou qualquer veículo) lida com jornalismo que é a ação do jornalista (tradução à linguagem de um determinado meio aquilo que é notícia). Ou seja, notícia é um produto que vem da informação, a menor unidade que está em tudo (o mesmo princípio atômico da energia nuclear). Mas o que é informação?

Assim como na física nuclear, sem compreender a menor unidade (átomo) e o quanto ela está presente ao longo do processo, no estudo do jornalismo, o desprezo pela informação leva a equívocos. Portanto, a palavra informação tem origem no latim; etimologicamente, “informação” deriva do prefixo “in-” (que significa movimento para dentro) + nome “forma” (que significa “molde, moldura, imagem”) + sufixo “-ção” (que indica de ação ou resultado dela). Ou seja, o sentido da palavra é “alguma coisa que vem de fora para dentro” ou “que serve de molde a algo”. Mas nada, nem próximo disso, está na obra que aborda a imprensa, sua ética e sua função social.

A pergunta que fica é: como discutir jornalismo sem entrar na essência do trabalho do jornalista que é garimpar informações que possam ser traduzidas em notícias que estarão nas reportagens, críticas, comentários, análises, ou seja, estarão nos títulos, olhos, legendas, fotografias, infográficos, diagramas...?

Nisso, muito mais do que a superficialidade envolvendo a definição do que é ética, cidadania e imprensa, que dão título à obra, está a falha do livro. Nem mesmo o saboroso artigo de Fernando Andacht sobre o Grande Irmão, que abre caminhos para uma analogia com o jornalismo, chegam ao átomo que gera a constituição de todas as situações e conceitos do qual o livro fala. É evidente que ao observar que jornal/jornalismo/jornalista ou meio(veículo)/conteúdo/apto não existem de modo distinto, os autores teriam chegado em outro ponto com seus artigos, estes sim, entendendo, muito mais próximo de tocar o que deixam claro que tinham a intenção.

A questão, numa equação matemática, resume-se ao seguinte: a empresa (meio/veículo) jornalística visa lucro assim como qualquer empresa capitalista de sabonete a remédio. Para obter lucro a empresa precisa que seu produto venda (notícias ou qualquer um dos gêneros jornalísticos nela contidos como crônica, crítica, análises, comentários, entretenimento...), ou seja, precisa de audiência. Para conseguir um produto que interesse ao consumidor, ele precisa produzir e, portanto, necessita de um profissional que domine a técnica de produção. O jornalista, um operário que assemelha-se ao sapateiro por se tratar de um ofício, necessita de um salário mensal para a vida nesta sociedade.

Este sistema está ausente em *Ética, Cidadania e Imprensa* e faz da obra mais uma de cunho político-sociológico-psicológico que tenta, mas não escapa ao lugar-comum de ver em nossa existência, neste comecinho de século 21, os maus (mídia/poder) que exploram coitadinhos indefesos (público/cidadão).

A intenção, em hipótese alguma, com esta resenha, é a de ditar caminhos. Além de provocar discussão, tal polêmica busca, apenas, levantar a hipótese de que uma leitura social, pelo viés do sistema de produção dos processos nas mídias vai permitir uma outra conclusão político-sociológica-econômica-psicológica. Talvez sentidos que tirem-nos do lugar-comum do maquiavelismo de binômios de bons e maus; padrões opressores e empregadores oprimidos; jornal manipulador e leitor ingenuozinho.

DJALMA LUIZ BENETTE é mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), bacharel em jornalismo com especialização em comunicação e editor responsável pelo jornal *Cruzeiro do Sul*, de Sorocaba-SP.

dlbenette@uol.com.br